

DISCUTINDO COM OS PROFESSORES SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: um projeto de pós-doutoramento.

José Guilherme de Oliveira Freitas¹

Mônica Pereira dos Santos²

Este artigo tem por objetivo apresentar o relatório final do projeto de pós-doutorado do autor deste, apresentado à Faculdade de Educação da UFRJ e aprovado por unanimidade em sessão de colegiado de Janeiro/2012 desta instituição.

O projeto, intitulado Discutindo com os professores sobre a diversidade sexual na escola teve por objetivo central ampliar a investigação iniciada por ocasião do doutorado, cuja tese “No quadro: o tema diversidade sexual na escola, com foco na homossexualidade. Nas carteiras escolares: os professores” foi defendida em março/2010, na Faculdade de Educação da UFRJ.

A referida tese teve como foco central analisar os professores que se dispuseram a participar de cursos de capacitação com enfoque na temática Diversidade Sexual na Escola. Estes tendem a ser menos excludentes em sua relação com alunos homossexuais? Como a homossexualidade está presente na percepção destes professores? Partimos do pressuposto de que estes professores, de um modo geral, com base na formação docente/humana heteronormativa, não se encontram envolvidos com a prática do lidar com os alunos homossexuais ou que exibam comportamentos e quaisquer indícios que são associados à homossexualidade. Sendo assim, podem ter atitudes excludentes, seja através do silenciar diante do fato, seja causando constrangimento aos alunos.

Mantivemos o mesmo pressuposto para esta pesquisa por pensar que a heteronormatividade pode ser uma das causas principais da Homofobia, pois os homofóbicos consideram normal e correto apenas a orientação sexual heterossexual e a partir desta premissa julgam, reprimem, humilham e desrespeitam a todo aquele que não tenha esta orientação sexual hegemônica.

¹ Pós - Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, sob orientação da Prof^ªDr^a Mônica Pereira dos Santos, Doutor em Educação – UFRJ, e pesquisador do LaPEADE - Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação – UFRJ.

² Professora Adjunta da Graduação e da Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRJ. Fundadora e coordenadora do Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação – LaPEADE(www.lapeade.com.br).

Diante deste fato que também invadiu as escolas, as dificuldades enfrentadas pelos professores nos variados níveis de Ensino, com relação à orientação sexual dos alunos, têm despertado cada vez mais o interesse de pesquisadores e as questões que envolvem alunos, diversidade sexual e professores vêm ganhando espaço na área da Educação. Neste sentido Louro (1997), lembra que:

Professores e professoras – como qualquer outro grupo social – foram e são objetos de representação. Assim, ao longo do tempo, alinham-se determinadas características, apelam-se para alguns recursos, para falar deles e delas. Essas representações não são, contudo, meras descrições que “refletem” as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que os “constituem”, que os “produzem”(p.99).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs; BRASIL, 1997), a Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo a transmissão de informações e a problematização de questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção deve ocorrer em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade.

O trabalho de Orientação Sexual na escola, ainda sob as instruções dos PCNs (BRASIL,1997), visa propiciar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa, em que seu desenvolvimento deve oferecer critérios para o discernimento de comportamentos ligados à sexualidade que demandam privacidade e intimidade, assim como reconhecimento das manifestações de sexualidade passíveis de serem expressas na escola.

Este pensar é ratificado por Louro (1997) ao admitir que

Nessa ação política cotidiana e aparentemente banal, parece importante que observemos as relações de gênero não apenas naquilo que elas apresentam de “mais evidente” (o que usualmente quer dizer aquilo em que se ajustam as nossas expectativas ou às representações dominantes), mas que sejamos capazes de olhar para os comportamentos que fogem ao esperado, para os sujeitos que desejam transgredir as fronteiras e os limites (p.124-125).

Pensamos que para que a escola possa cumprir seu papel no que diz respeito às exclusões causadas por gênero e conseqüentemente promover formas de inclusão, uma das ações seria a promoção de cursos de extensão com intuito de identificar posturas e atitudes na relação professor-aluno, e ainda, propor formas de superação das possíveis dificuldades existentes, com a adoção de procedimentos capazes de

estimular o conhecimento mais aprofundado dos professores e alunos sobre o assunto.

Alunos homossexuais, sala de aula, preconceito, constrangimento, dor, violência física e psicológica, evasão escolar, exclusão. Como os professores lidam com os alunos homossexuais? Quais as práticas pedagógicas adotadas pelas escolas para propiciar ao aluno o exercício de sua cidadania? O que a sociedade já vem desenvolvendo no sentido de inibir práticas excludentes contra os alunos homossexuais? O que se tem feito para inibir as práticas de bullying aos homossexuais dentro e fora dos muros da escola?

Com estes pensamentos transitando em nossas mentes foi crescendo a vontade de somar esforços a outras iniciativas da sociedade, focadas no tema da homossexualidade na escola, no sentido de contribuir para uma conscientização de que é necessário tornar menos excludente a relação entre os professores e os alunos homossexuais (FREITAS, 2010).

Neste sentido, o presente estudo teve como proposta continuar a investigar e analisar as opiniões dos professores atuantes em sala de aula que participaram de dois cursos de extensão sobre o tema diversidade sexual na escola, na cidade do Rio de Janeiro, coordenados por nós, para que, de posse do material colhido, pudéssemos ampliar e aprofundar nossos estudos acerca da homossexualidade/diversidade sexual na escola, além de testar seus impactos e abrir novas possibilidades de ação e ampliação das discussões inerentes a esta temática na área da Educação.

O presente projeto se relacionou a uma trajetória acadêmica e de investigação, individual e coletiva, que desenvolvemos desde 2005, interessados em indagações sobre homossexualidade, inclusão e prática docente, no contexto da educação brasileira. Além disso, este projeto também buscou dar continuidade às atividades exercidas como pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ.

A realização dos cursos de Extensão para professores previstos no projeto de pós-doutorado para acontecerem em 2012, ocorreram nos anos 2012 e 2013, tendo em vista a greve das Universidades Públicas Federais em 2012. Os encontros duravam 8 horas, aconteciam aos sábados e eram compostos por dois momentos principais: o da manhã, em que era apresentada a parte teórica do tema do dia e o da tarde, no qual apresentávamos um filme longa metragem e em seguida promovíamos

discussão a partir de questionamentos previamente preparados. Os objetivos foram os seguintes:

- Investigar se professores que se dispõem a participar de cursos de capacitação com enfoque na diversidade sexual na escola tendem a ser menos excludentes.
- Averiguar o universo representacional de um determinado número de professores que se submetem a programas de formação continuada em cursos de capacitação sobre diversidade sexual, gênero, homossexualidade e inclusão.
- Pesquisar como a homossexualidade está presente no imaginário destes professores.
- Revisar e problematizar os conceitos de gênero, sexualidade, religião, homossexualidade, inclusão/exclusão junto aos professores.
- Levantar os pontos convergentes e divergentes dos universos investigados.
- Organizar, desenvolver, executar e avaliar impactos de um curso de extensão e formação continuada, em dois momentos distintos, a fim de aprofundar a discussão sobre a temática diversidade sexual na escola com os professores participantes.

Os cursos de extensão realizados foram divididos em cinco módulos, a saber:

“Módulo I” – Inclusão e Homossexualidade, com a intenção de tratar a inclusão no tríplice aspecto: culturas, políticas e práticas na escola sob o viés da homossexualidade, além do tema da desconstrução dos estereótipos em sala de aula.

“Módulo II” - Questões de Gênero, Orientação Sexual e Educação tratando das influências socioculturais na forma como os indivíduos aprendem e expressam sua sexualidade. Os papéis sexuais e suas representações nas diferentes etapas do ensino fundamental e médio.

“Módulo III” – Ética, religião e poder nas relações escolares. A escola como *lócus* privilegiado para trabalhar a diversidade sexual e os valores éticos de respeito ao outro e a construção de uma ética fundada nos direitos humanos.

“MÓDULO IV” - Sexualidade e Identidade Sexual. A construção da identidade homossexual. Análise dos direitos das crianças e adolescentes em relação à homossexualidade. A

homossexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e no Estatuto da Criança e do Adolescente.

“Módulo V”-Homofobia: preconceito aberto e velado. Homofobia, violência, guetização, preconceito, exclusão social, os direitos do cidadão homossexual.

Resultados e Discussão

Procederemos à apresentação e discussão concomitante dos resultados na mesma ordem em que propusemos nossos objetivos. Com isso, estaremos, também, analisando o alcance ou não dos mesmos, e tentando levantar hipóteses sobre os que porventura não tiverem sido alcançados.

Os Professores que participaram dos cursos tendem a ser menos excludentes?

Os professores reconheceram que as práticas de exclusão existentes nas escolas possam através do processo de reflexão, oportunizado pelas trocas de experiências e de olhares, ser transformadas em ações inclusivas motivadas pelos conhecimentos adquiridos durante o curso a fim de minimizarem as barreiras à participação e ao direito de ser de cada um, independentemente de suas identidades sexuais.

Diante deste panorama, e considerando este universo representacional, poderíamos considerar que, de um lado, já existem professores, para os quais, quando do exercício de sua profissão, a homossexualidade já é uma orientação sexual que conquistou visibilidade dentro e fora da escola. Esta constatação é deveras satisfatória, pois pode representar um primeiro passo em direção ao processo de não discriminação.

Entretanto, ainda há aqueles que, por ignorância, preconceito, comodidade, se “recusam” a notar os alunos que fogem à regra heterossexual, invisibilizando-os, e se distanciando do papel da escola, que deveria ter como proposta maior ser uma instituição de (trans)formação social. Distanciam-se, também, dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) que sugerem a orientação sexual como tema transversal a ser trabalhado por todos os professores, independente da disciplina.

Alguns, tentaram justificar suas atitudes, como as falas a seguir:

- Pensando no professor lá na ponta, lá no final de Santa Cruz, tô falando por que eu trabalho na Zona Oeste e ele (o professor) não tem um espaço prá discussão. Então chega o carnaval e se canta Maria Sapatão desde que o mundo é mundo, o professor foi criado ouvindo isso. A cabeleira do Zezé. É bicha, aquela gritaria. A gente

tem que ser generoso com o professor, às vezes, pois muitas vezes ele tá reproduzindo o preconceito. Ele também tem que ser orientado. Ele também é vítima disso.

- A minha experiência como professora e como formadora de professoras é que a gente tem alunos fundamentalistas e que não estão dispostos a mudar, pedem licença e saem da classe. Não assistem o que você propõe, não discutem.

O que pensam estes professores sobre diversidade sexual, gênero, homossexualidade e inclusão?

O preconceito e a discriminação em relação à diversidade sexual ainda fazem parte do cotidiano escolar, e estes professores estão em busca de novos olhares e pensares sobre a homossexualidade. Essa busca retratada nas discussões nos faz pensar que estes querem fazer parte de um grupo em crescimento, que direciona suas reflexões tendo em vista transformar seus valores e atitudes em bases mais inclusivas, menos preconceituosas, abandonando uma provável cultura de silêncio. Em outras palavras, parece que estes professores desejam contribuir para a transformação da escola num espaço não excludente, no qual o silêncio e o despreparo, quando o assunto é a orientação sexual homossexual de alunos, ainda é muito expressivo no dia a dia escolar.

Com relação ao “silêncio”, Louro (1997) nos diz que:

[...] tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não-dito, aquilo que é silenciado – os sujeitos que não são, sejam porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não serem nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda eliminá-los/as, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da “norma”. A ignorância (chamada por alguns, de inocência) é vista como a mantenedora dos valores ou comportamentos “bons” e confiáveis. A negação dos/as homossexuais no espaço legítimo da sala de aula acaba por confiná-los às gozações e aos insultos dos recreios e dos jogos, fazendo com que, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos (p.67-68).

Vale ressaltar que abordar a questão da inclusão/exclusão no que diz respeito às questões da homossexualidade na escola não significa, necessariamente, vê-la como algo experienciado e debatido por todos. Trata-se de algo novo, que deve ser tomado como um desafio, em especial pelos professores em sala de aula, trazendo consigo preconceitos, religião e educação familiar que podem não coadunar, com a homossexualidade.

Em nossa opinião, o ideal seria que os professores estivessem cientes de que respeitar este tipo de orientação sexual e repassar essa noção de respeito aos demais alunos é uma prática possível, principalmente na escola, pois nos dias de hoje, vem se discutindo com mais frequência os temas homofobia e bullying.

Como a homossexualidade está presente no imaginário destes professores?

A maioria disse pensar a homossexualidade como um direito que o sujeito tem de exercitar seu desejo sexual e por isso, deveria ser tratada com respeito, tolerância e naturalidade. Consideraram a homossexualidade como mais uma forma de expressão da sexualidade, num contexto em que existiriam múltiplas identidades sexuais. Afirmaram ainda, que a homossexualidade é uma condição e assunto que deve ser sempre abordado e discutido pela sociedade e comunidade escolar, e que está cada vez mais comum, porque as pessoas estão tendo mais coragem para assumir.

Apesar de todas estas considerações, houve quem dissesse que é um tema difícil de ser falado na escola. Por isso, no decorrer do curso, tentamos dar suporte teórico e prático através das discussões para encorajar esses professores a tratarem do tema no seu dia a dia com naturalidade e responsabilidade.

Em que sentido pudemos revisar e problematizar os conceitos de gênero, sexualidade, religião, homossexualidade, inclusão/exclusão junto aos professores?

Ao serem solicitados a discutir as ambiguidades científico-religiosas apresentadas durante o curso, vários professores manifestaram suas adesões e crenças religiosas e, a questão científica foi silenciada e secundarizada.

Percebemos a forte influência que a religião tem na identidade dos professores, no entanto, os professores parecem reconhecer que a discriminação, o preconceito e a exclusão presente no discurso religioso, em relação à homossexualidade, deve ser problematizado e relativizado ao se abordar o tema no contexto escolar. A questão do direito à laicidade nas escolas públicas não apareceu no discurso dos professores.

Embora o grupo tenha descartado em suas práticas o discurso moralizante e conservador presente nas religiões, essa situação pode não representar uma prática real no espaço escolar, estando presente no currículo oculto praticado no contexto escolar. Como exemplo, duas falas ocorridas neste contexto entre dois participantes:

- Eu faço parte de uma comunidade chamada Bethel do Rio de Janeiro, uma comunidade protestante inclusiva. Não cremos que

exista por parte de Deus qualquer distinção dessa natureza, sexual, gênero. Quando a gente chega prá dar aula, prá se posicionar, acho que não interessa sua condição religiosa. Você é quem você é. Tentam excluir das pessoas o direito à religião. Mas tem gays que se auto-punem por questão da religião. Você tem a fé, mas ela não tá ligada com qualquer orientação sexual. Deus é uma coisa e o que você faz dentro de quatro paredes é outra.

- eu queria trazer só um pouquinho do discurso do colega que disse "O que acontece entre 4 paredes não tem nada a ver com religião nem com Deus". Acho que tem tudo a ver por que se a gente não tem essa questão interna mais purificada, através da religião, você vai continuar achando que aquilo que você faz entre 4 paredes é um pecado, uma aberração. Porque quando a gente trata da escola como professores, como orientadores até, a gente tem que desmistificar essa questão do pecado. Da separação entre religião e a tua vida natural e quando a gente encarar a homossexualidade uma coisa natural, tão natural como a heterossexualidade, as religiões vão aceitar isso.

Quais os impactos providos pelo curso no tocante à temática da diversidade sexual na escola com os professores participantes?

Em relação ao papel dos professores diante da diversidade sexual, foi considerado que os mesmos devem preservar o aluno da violência, tanto explícita quanto simbólica, se preparando para colocar em prática valores éticos pertinentes à sua profissão, assim como promover uma cultura de sensibilidade que promova práticas educacionais alicerçadas aos princípios postulados nos Direitos Humanos.

Nesse sentido, é atribuído ao professor o papel de combater o preconceito e a discriminação, assumindo um conceito de gênero que busque superar as desigualdades consolidadas a partir de diferenças de valor atribuídas ao masculino e feminino, pois hierarquizamos e negamos a diferença ao naturalizar expectativas e representações sobre os papéis de gênero. Dessa forma, criamos estratégias de normatização para lidar com o desconforto íntimo resultante dos comportamentos que fogem à regra, nos remetendo assim às práticas de exclusão.

Foi dito que um olhar mais atento sobre as práticas de exclusão existentes no espaço escolar pode contribuir para desvelar o currículo oculto existente na escola, facilitando a desconstrução de práticas legitimadas como naturais ou simplesmente silenciadas, que reforçam preconceitos e estereótipos de gênero no ambiente escolar.

Essas considerações auxiliam nossa compreensão a respeito da construção social da identidade e das marcas de gênero nos participantes das discussões. Foi possível notar que a homossexualidade foge ao modelo de comportamento tanto sexual quanto social, ou seja, há modelos de gênero rigidamente estabelecidos que

inspiram representações e práticas sociais para crianças de cada sexo. Para exemplificar trouxemos duas falas de participantes.

- Observo suas ações, atitudes e socialização. Não há diferença no meu modo de agir em relação às outras crianças. Acredito que possa interferir em situações específicas.

- Notando que a homossexualidade é um drama para o aluno, procuro me aproximar para tentar conversar. Essa questão do drama é profundamente preocupante.

A nosso ver, estas respostas chegam com um discurso mais direto e preocupado com a sexualidade em sala de aula, quando os professores citam *“socialização/interferir em situações específicas”*, *“a homossexualidade é um drama para o aluno”* e *“Essa questão do drama é profundamente preocupante”*, e parecem registrar a presença de professores mais atualizados, mais capacitados e com maior aquisição de conhecimentos sobre o tema diversidade sexual/homossexualidade na escola.

Isto posto, é oportuno dar ênfase que no âmbito escolar, em especial na atuação do professor em sala de aula, muito se poderia fazer de forma a transformar socialmente as situações de exclusão no que tange ao desrespeito às diferenças e minimizando as diversas formas de discriminação, pois os professores, na sua prática cotidiana, têm como observar as muitas diferenças existentes entre os comportamentos de seus alunos.

Os professores concordaram que a diversidade sexual em relação à família e à escola é bastante complexa, e assumem que lidar com os atos discriminatórios que se apresentam é uma batalha constante, porém reforçaram que ações inclusivas podem permear o cotidiano da escola, na sala de aula, sendo possível uma construção/desconstrução/reconstrução de valores, princípios e atitudes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília : MEC/SEF, 1997.

FREITAS, José Guilherme de Oliveira. **No quadro: o tema diversidade sexual na escola, com foco na homossexualidade. Nas carteiras escolares: os professores.** Rio de Janeiro, 2010. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.